

“Tem que ir hoje pro inferno...” representações sobre a morte, o inferno e seus algozes, no carnaval de Amargosa - BA, 1940-1980.

EDICARLA DOS SANTOS MARQUES*

Introdução

Os estudos sobre o carnaval de Amargosa¹, curiosamente uma cidade baiana conhecida pelas suas festividades juninas, revelou esferas da vida cultural dos cidadãos, antes não percebidas em momentos de comemorações religiosas. O tempo espaço denominado carnaval, possibilitou a compreensão de parte do imaginário festivo religioso e as representações daí resultantes. Elegemos o grupo dos “Cão” para o presente artigo, pois este foi identificado como o elemento mais representativo do “Carnaval de rua” popular amargosense.

O desfile dos “Cão” constituía-se em uma prática festiva exclusiva do carnaval e costumeira entre os homens pobres e negros/mestiços da cidade de Amargosa. Eles formavam um grupo onde se trajavam de diabos, e desfilavam pelas ruas da cidade interagindo das mais diversas formas com os transeuntes. Todos aqueles que foram identificados, sem exceção, eram trabalhadores braçais: vaqueiros, ferreiros, carregadores ou jardineiros. Muitos destes “Cão” demonstraram, em depoimento, ter alguma relação identitária com Terreiros de Candomblé e/ou Umbanda.

As narrativas elaboradas sobre os “Cão” forneceram elementos importantes para a compreensão do imaginário popular festivo em suas dimensões religiosas, bem como fundamentou uma discussão acerca das condições sociais e culturais destes sujeitos. Das brincadeiras dos “Cão” todos os depoentes, em alguma medida, rememoraram seus feitos². E nos apresentaram uma festividade repleta de demônios, almas, pecados, indulgências e castigos infernais, o que nos remeteu a considerar alguns aspectos das

* Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS.

¹O município pertencia à micro-região denominada de Recôncavo Sul da Bahia, que compreendia 33 municípios. A partir do ano de 2007 passou a constituir, com a nova reterritorialização, efetuada pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, através da Conferência da Cultura, o Território de Identidade designado de “Vale do Jiquiriça” que compreende 25 municípios. Amargosa esta localizada a 248 quilômetros da capital baiana, com população estimada é de 34.351 habitantes segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010.

²Sra. A. V. M. R., 66 anos, 2008; Sr. S. A., 75 anos, 2007 e Sra. L. L. M., 84 anos, 2006.

vivências religiosas destes indivíduos e fazer uma imersão num imaginário sobre o medo da morte e as alegorias daí provenientes.

Como opção metodológica procedeu-se a supressão dos nomes dos depoentes, visando preservação dos envolvidos e familiares. A transcrição dos depoimentos tentou contemplar as formas da fonética na ortografia. Assim, os depoimentos estão muito próximos das “falas” dos entrevistados. Não houve interesse metodológico em adequar os depoimentos às normas cultas da língua escrita.

“Lá Vem os ‘Cão’... De Rabo, Cifre e Laço”

A respeito dos “Cão” outrora explicou o Sr. S. O. E., que desfilou de “Cão” durante a década de 1960:

Como é o ‘Cão’? É a gente vai pegar o sebo, pisar o carvão, certo, pegar um prato de queijo furar botar as gaia, ai agora a gente passa o sebo no corpo, fica preto, bota uma máscara na cara, um rabo, um choçaio [chocalho], uma corda e nós sai pro mei da rua.³

A estética dos “Cão” pode ser notada na descrição acima feita por um dos depoentes, mas com algumas variações. Sem dúvida, esse personagem configurava-se em uma concepção de diversão totalmente dissonante das outras práticas empreendidas pelas classes mais abastadas no carnaval de Amargosa. Todas estas características dos “Cão” lhes eram úteis no desencadear das brincadeiras durante os dias de carnaval. Os chocalhos anunciavam a circulação dos “Cão” pela cidade. As máscaras, os corpos pintados, os rabos, e os chifres, conferiam ao “Cão” um aspecto estético assustador. As cordas serviam-lhes de laço para ameaçar as pessoas e os chifres lhe aproximavam ainda mais do imaginário popular sobre o diabo.

A prática em si, exclusiva a homens, consumava-se nas ações controversas empreendidas pelos “Cão”. O grupo destoava racial, cultural e socialmente dos outros modos elitizados de experimentação do carnaval na cidade. As ações empreendidas por estes sujeitos aproximavam-se em demasia, principalmente pelo ato de melar as pessoas, dos modos de brincar do Entrudo, ainda presentes na cidade por volta da década de 1930⁴.

³Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.

⁴Sra. S. L. J. M., 93 anos, 2007.

Os “Cão” desfilavam no carnaval e nunca chegaram a formar um único grupo homogêneo, sabe-se que grupos eram compostos por amigos ou conhecidos que decidiam sair de “Cão” e então desfilavam por praticamente todas as ruas da cidade, sem que precisassem ser anunciados, ou tivessem horário marcado. Sabe-se que saiam, preferencialmente, nos domingos e terças de carnaval, mas há relatos de “Cão” desfilando na segunda-feira.

As principais festividades da cidade estavam atreladas ao calendário cristão. Incluindo-se entre estas o carnaval, sendo considerado por alguns autores como a mais importante das festas cristãs (BAROJA, 1979). Os “Cão” em Amargosa, numa perspectiva de brincar com o medo das pessoas, instituíam o riso cômico popular, assim como o definiu Mikhail Bakhtin (1993) em que diferentemente do riso satírico, cujo objeto do riso é exterior aos que riem, os autores do primeiro se concebem enquanto objetos do riso. Brincadeiras que de modo avesso provocavam o riso através do medo. De tal modo que os “Cão”, não raramente, causavam tipos involuntários de emoção, que nem sempre se traduziam em riso.

Mas a circulação dos “Cão” pelas ruas da cidade apresentava uma dimensão simbólica que modificava as imagens e significados hegemônicos cristãos associados ao diabo e ao universo apocalíptico e cosmológico que o cerca. A própria utilização do termo “Cão”, pelos brasileiros, ao invés de diabo, se dá, segundo Roger Bastide (1978), pelo fato de temer que a simples pronúncia seja suficiente para atrair desgraça. É neste sentido que se pode referir a um dialogismo polifônico (RECHDAN, 2003), relacionado à prática/representação dos “Cão”, ambas alicerçando-se e permeando o imaginário das pessoas sobre a morte e, para além do medo desta, o medo de ir diretamente para o inferno.

Estas outras referências, além das cristãs, eram possíveis, pois muitos destes sujeitos também participavam de variadas práticas religiosas, algumas inclusive imbricadas com as festas. Muitos dos indivíduos que saiam de “Cão” pela manhã, à tarde participavam das Batucadas⁵. Outros ainda integravam Grupos de Afoxés, como o Sr. S. O. E. Segundo o mesmo, “Saia com bloco também de índio, de caboclo de

⁵Grupos musicais muito presente nas festividades da cidade de Amargosa. Estes grupamentos durante os ensaios e em apresentações cotidianas eram chamados de Batucadas e nas ruas durante o carnaval, com mesmo batuque, com os mesmos instrumentos, com os mesmos componentes, com vestimentas padronizadas passavam de batucadas a Escola de Samba.

Candomblé, aí a gente parou de fazer (...) Era afroxé, era de índio, vestido de índio, baiana, coisa de macumba mermo”⁶.

A religiosidade, e não a religião propriamente dita, pode ser um ponto chave de entendimento dessas circularidades na cidade de Amargosa. Entende-se por religiosidade a prática da religião, o modo como estes indivíduos se relacionam com o mundo sagrado. Enquanto prática, tem-se uma fronteira muito sensível entre os cultos religiosos Afro-brasileiros e o Catolicismo popular. Quando questionado sobre sua religião, o depoente Sr. N. M. D. E., que sai de “Cão”, afirmou:

Minha religião é religião Católica, *bebo, fumo, jogo, danço*, tenho minha família (...) Nunca fui, não acredito em Candomblé, vou em Candomblé que nem agora de noite que eu vou pra Jorge Perninha [Pai de Santo], vou pra Jaci [Curandeira], se Jaci fosse curadora e sabia tudo ela não morria, não morria, sabia o bicho que dava pra ela ganhar no bicho [Jogo do Bicho], só acredito em Deus.⁷

Provavelmente, não faz parte dos preceitos religiosos católicos as práticas enumeradas pelo depoente “bebo, fumo, jogo, danço”. No entanto, ainda assim, o Sr. N. M. D. E. é cético ao pensar sobre os Terreiros de Candomblé. Mas enquanto prática é perfeitamente possível considerarmos estes universos, apesar de distintos, imbricados. Trata-se de um catolicismo popular que mescla valores sacro-profanos e de práticas religiosas Afro-brasileiras, inúmeras vezes dissociadas da condição de religião, aproximando-se, neste caso, de uma “brincadeira”. Muitos dos “Cão” tinham ou ainda permanecem com suas vivências religiosas em Terreiros de Umbanda ou Candomblé e não desarticulam suas práticas sagradas do universo religioso cristão ocidental. O depoente afirma: “não acredito em candomblé”. Mas ele “brinca” o candomblé, ele participa das festas, ele comunga dos valores empreendidos nestas, apesar de afirmar ser Católico. A representação da morte também se faz presente, pois a credulidade do sujeito no candomblé está relacionada ao fato do mesmo apresentar algum domínio sobre a morte, pois “se Jaci fosse curadora e sabia tudo ela não morria, não morria...”⁸.

⁶Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.

⁷Sr. N. M. D. E., 52 anos, 2006. [Grifo meu].

⁸Sr. N. M. D. E., 52 anos, 2006.

Ainda outro depoente, o Sr. S. R. J., que saia de “Cão” em sua juventude, afirmou tanto ter orgulho de ser filho de Santo de Mãe Menininha do Gantois⁹, quanto tem orgulho de ser umbandista. Em relação a sua prática de “Cão”, ele justifica suas intenções ao desfilar no carnaval:

(...) Porque pra mim não existe o “Cão”, pra mim o cão é aquele que te faz o mal (...) Mas o negócio de passar um óleo no corpo. *Eu ia pra adquirir o dinheiro só, só pra adquirir o dinheiro, porque quando é na Quarta-feira de Cinzas quando alguém tava se batendo eu tava com três quatro quilos de peixe em casa pra todo mundo comer, na moqueca de azeite e moqueca de tomate miúdo e de tudo, e comia com macarrão e arroz e feijão macasso e enchia a barriga. Então não é o “cão”, é a diversão.*¹⁰

O depoimento indica pontos importantíssimos de convergência entre o que se pode denominar religiosidade cristã popular e as práticas religiosas de matriz africana. No entanto, estas práticas religiosas diferem-se da religião enquanto instituição oficialmente constituída. O outro ponto é que apesar de afirmar que só “ia pra adquirir o dinheiro”, o depoente menciona qual o destino final do dinheiro arrecadado. O depoente não ia “só, só pra adquirir o dinheiro”; ele perpetuava a tradição dos “Cão” através de outros fatores tradicionais e que estavam diretamente relacionados à ritualística da Igreja Católica: comer o peixe na Quarta-feira de Cinzas. Por isso, não se pode referir-se a um carnaval dissociado da temporalidade quaresmal; mesmo que este insira novas e outras temporalidades e referências faz parte da gênese do carnaval constituir-se em função também de um calendário cristão, associado ao período de jejuns e de farturas. Assim, como não se pode referir a um universo essencialmente profano ou sagrado, já que os rituais religiosos afro-brasileiros não concebem de forma maniqueísta a separação destas esferas. Sagrado e profano são elementos constituintes da cultura religiosa de pessoas como os senhores N. M. D. E. e S. R. J.

No anonimato que lhes era permitido, os “Cão” exalavam medo e perturbavam a ordem pública com suas ameaças de melar, sujar e laçar pessoas da cidade, sem distinção. Suas políticas pedagógicas eram empreendidas às crianças, idosos, e mesmo às freiras, como ficou evidente nas narrativas. No entanto, estas ameaças eram ambigualmente sinônimas de riso e de medo, como é possível evidenciar na narrativa do

⁹Reconhecida a Mãe de Santo da Bahia.

¹⁰Sr. S. R. J., 44 anos, 2007. [Grifo meu].

próprio Sr. L. L. M., 84 anos, ao mencionar uma situação que aconteceu nos idos 1950, no dia em que ele laçou uma jovem de aproximadamente 15 anos:

Aí chegou uma mocinha pegou a atentar alí na Rua das Flores, atentano. ‘Ô “Cão” me pega “Cão”, me pega’ eu digo você vai, você vai, aí andei pro lado dela ela correu. Eu não pude laçar (...) eu só laçava mais aqueles que bulia. Eu fui até na Estação, bandango, bandango (...) Ali que ela tava perturbando, ai eu dobrei, quando chegou pra entrada na Rua Quinze, ela pontou cá. (...) Eu na frente e ela atrás pertubano, ô tio ‘tu quer que eu diga teu nome, tu quer que eu diga teu nome’ eu digo ‘não diz não que eu te levo pro inferno’, aí botei o pé... quando eu olho ela entrou naquele colégio (Pedro Calmon), tava fazeno (...) Eu vortei e de lá de cima, e ela tava assim, quando ela fez o pulo no colégio eu lacei.(...) eu dei a distância virei, eu vi que ela não corria mais do que eu, quando ela fez o pulo quando caiu já foi laçada. Levei até lá na Rua Quinze, e ela ia chorano, chorava (...).¹¹

A narrativa acima aponta para o fato dos “Cão” direcionarem seus laços às crianças “perturbadas”, como forma de castigá-las. Apesar de representante da cultura do medo, o diabo também já foi representante de uma cultura do riso. Pois o riso na Idade Média, com exceção do riso franciscano, “é banido, desterrado, deixado para mais tarde. Ele está do lado do demônio. É da parte do Diabo” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.75). Ecos desta concepção aportaram no imaginário do “Novo Mundo”, de modo que historicamente o riso tornou-se da parte do “Cão”. As ações dos “Cão” em Amargosa, chegavam a transcender as vias públicas, foram comuns narrativas sobre a presença destes em espaços privados como quintais e quartos. Sobretudo nos bairros populares, essa presença era mais comum, evidenciando que estes sujeitos não representavam apenas o medo, mas também o riso.

É neste sentido que se pode compreender a recorrente utilização dos termos “brincadeira” e “diversão” pelos sujeitos que saíam de “Cão” ao justificarem as motivações para tal prática. A prática dos “Cão”, associada ao riso cômico popular pode ser visto no depoimento abaixo e se estendia do “Cão” ao padre.

O padre Almeida, era filho daqui de Amargosa mermo, ai ele ficava com o bracinho cruzado assim e eu com um bocado de chocalho, bandango, bandango, fazeno que não tô veno ele, quando chegava lá, eu saía correno com medo. Ai ele chegou e disse ‘quem é aquele?’ disse ‘é Fulano’ e ele se deu pra rir (risos). Quando foi no dia de

¹¹Sr. L. L. M., 84 anos, 2006.

segunda-feira eu tava na tenda bateno uns ferro. (...) Eu era ferreiro. Ai o Padre chegou, meteu as mão na batina e disse tome aqui pra você comprar uns negócio pra você. *‘Por que você correu assim?’ ai eu digo ‘já viu o “cão” gostar de padre?’* (risos). Porque eu fazia graça pro povo rir, ia passano correno, também não bulia com ninguém, nem ia melano casa.¹²

“Já viu o Cão gostar de padre?” Com esta frase o Sr. L. L. M. sintetizou o imaginário que perpassava a brincadeira dos “Cão” na cidade de Amargosa, nos dias que precediam a Quaresma. Circulando entre praças, vielas, frente das Igrejas e cemitério; perturbando padres, crianças, adultos, idosos; comungando ou excomungando o universo cristão, lá estavam os “Cão” transgredindo os espaços. Em Amargosa o inferno e seus algozes saíam do imaginário das pessoas e habitavam as ruas, como fica evidente na narrativa do Sr. L. L. M:

Eu saía (...) com um vaso deste tamanho plástico com um verniz vermelho, pra dizer que era o sangue, e um livro debaixo do braço e um laço, e dizia tem que ir hoje pro inferno, hoje você vai voltar no inferno com qualquer da conversa e se correr eu laço. (...) era um livro veio antigo, somente pra eu abrir o livro e gritava assim *é você mesmo que vai pro inferno.*¹³

No período carnavalesco, eram os “Cão” os detentores do laço e os responsáveis momentâneos, pelas ameaças apocalípticas. As alusões ao sangue e o livro com os supostos nomes de quem iria para o inferno conferia aos “Cão” alguns poderes sobre a morte metafórica dos sujeitos, evidente no ato de laçar esses possíveis “condenados” e conduzi-los sem escapatória ao inferno.

Os “Cão” não perdoavam sequer as freiras, como se pode notar no depoimento da Sr^a. M. S. C. T., que relata um momento de encontro entre um “Cão”, uma freira, e algumas crianças, quando a “Irmã Maria Marta” dirigia-se à “Rua de Palha” em um dia de carnaval para levar donativos:

(...) quando a gente tava vindo que chego no bosque, isso pela manhã, de manhã, quando a gente foi chegando no bosque, aí é vem dois “Cão”. [risos] Ê... Nossa Senhora, a gente pequena, eu era segunda série primária mais ou menos isso. E é vem aqueles “Cão” pelo mei do bosque, correndo atrás da gente só faltou derrubar a irmã [freira] Maria Marta. A gente grudou nela, ela ainda naquela época usava

¹²Sr. L. L. M., 84 anos, 2006. [Grifo meu].

¹³Sr. L. L. M., 84 anos, 2006. [Grifo meu].

aquele hábito escuro arrastando no chão né, e com o guarda-chuva na mão e a gente grudou nela... E ela creio em Deus Pade, creio em Deus Pade. E o “Cão” rudiando, a gente segurou nela com medo e aí ela ficava assim com o guarda-chuva sai daqui, sai daqui, creim Deus Pade, creim Deus Pade, [risos] todo poderoso e o “Cão” arrudiando como se fosse jogar o laço na gente, com a corda na mão e a gente chorando uai, uai, oi o “Cão” irmã, oi o “Cão”, e o cão pulava assim pra jogar o laço, ficou um tempo e a gente chorando com a boca no mundo chorando [risos]¹⁴

A memória é seletiva e na lembrança de uma criança por volta dos seus oito ou nove anos, o medo sem dúvida, se fixou de forma mais significativa. Contudo, é o riso que predomina durante todo o momento em que a mesma iniciou a narrativa finalizando-a em gargalhadas. Neste caso, o medo do demônio por toda parte esteve associado no imaginário à espera do fim do mundo e para outros à espera da morte. O medo de ser laçada pelo “Cão” foi tão próprio à criança quanto à freira, que fazia ou ao menos tentou fazer caridades em períodos burlescos. Roger Bastide (1978), sobre o domínio do discurso hegemônico no início da colonização, menciona a função dos sermões enquanto ameaça de castigos infernais. Segundo Carlos R. F. Nogueira (2002), falando da “teologia” católica, apesar do poder absoluto de satã ter sido quebrado, com a vinda de Jesus à Terra, a Igreja permitiria, em nome de uma “pedagogia do medo”, que o diabo permanecesse ocupando a posição de formidável oponente. Deixando de sustentar que o diabo estava totalmente vencido, a Igreja legitimou no próprio diabo a necessidade da sua existência, enquanto instituição responsável por livrar os seres humanos das conspirações do demônio. Esta perspectiva nos permite a compreensão das mais variadas perturbações aos cidadãos, que se davam ao longo do trajeto dos “Cão”.

Os “Cão” e as “Almas”

Os “Cão” e as “Almas” foram personagens comuns na cidade de Amargosa durante o período carnavalesco. O Grupo das “Almas” desfilou pelas ruas da cidade por volta das décadas de 1950 e 1960. Típicas do “Carnaval de rua” amargosense, as “Almas” eram personagens misteriosas que, igualmente aos “Cão”, despertavam medo, pelo anonimato que lhes conferiam os lençóis brancos e mais intimamente, pelo que representavam. O Grupo saía ao amanhecer da segunda-feira de carnaval, por volta das

¹⁴Sra. M. S. C. T., 52 anos, 2006.

quatro às cinco horas da manhã e era formado exclusivamente por mulheres. A porta do cemitério era a culminância do itinerário destas, onde, ao chegarem, ajoelhavam-se e rezavam. Como se pode observar na narrativa da Sr^a. C. C. O., que afirmou já ter desfilado no Grupo das “Almas”:

Ah! Cordão [das Almas] saía cinco hora da manhã. Botava assim uma arupemba na cabeça, botava aquele lençol branco, bem alvo, cobria até no pé e somente assim cá as mão posta, e vinha até aqui no sumitério tudo de terço na mão e o “Cão” vinha atentando na bera. Eu me lembro de tudo. O “Cão” vinha atentando as arma, as arma mostrava o rosário ele corria, cercava na frente, quão pouco ele sartava (...) acordava cedo pra ver. Vinha umas quinze pessoa no cordão de arma, tudo cinco hora da manhã. Ia até na porta do sumitério vortava. O cordão saía lá da rua Dois de Julho. Era um bucado de mulé que fazia esse cordão. (...) Agora vinha um monte de “Cão” atentando, o “Cão” vinha atentando as arma (...) Vinha até na porta do sumitério, chegava ficava fazeno que tava rezano aí vortava.
15

Vestidas de branco, com a cruz empunhada, e o terço em mãos, as “Almas” seguiam em procissão pelas ruas amargosenses até finalmente passarem pela “Rua do Fogo” e desembocarem na porta do cemitério, espaço legitimado de representações sobre a morte. Completando esta alegoria carnavalesca, estavam os “Cão”, seguindo o percurso do Grupo, a “perturbar” as “Almas”. Ao apropriarem-se de um discurso cristão permeado de ameaças apocalípticas, estes homens e mulheres teatralizavam aspectos religiosos (ABREU, 1999) com os quais se identificavam. No universo representativo cristão, os “Cão”, os diabos, são os que seduzem as almas. Enquanto a depoente acima afirma ter existido um “monte” de “Cão” que vinha “atentando” as “Almas”, outro depoente¹⁶ se refere a apenas um “Cão” que seguia o cortejo com o objetivo de arraigar para o seu universo as “Almas” errantes.

Outro Grupo tradicional que desfilava anualmente por Amargosa, era o “Bloco do Casamento”, que segundo depoente “passava essa rua toda, era Rua Nova, Rua da Linha, Catiara, os buraco tudo.”¹⁷ Este, porém, apesar da popularidade, não era visto com “bons olhos” pela sociedade. O bloco constituía-se basicamente de homens trajados de mulher e mulheres trajadas de homem; todos com roupas ironicamente

¹⁵Sra. C. C. O., 68 anos, 2007.

¹⁶ Sr. S. A. 75 anos, 2007.

¹⁷Sra. L. F., 75 anos, 2007.

dignas de uma cerimônia matrimonial. O “Bloco do Casamento” era composto, em sua maioria, por mulheres que exerciam a profissão de prostituta em um popular meretrício da cidade, localizado à Rua dos Artistas. Por este fato, muitas pessoas se recusavam a prestigiar o bloco quando o mesmo desfilava pela cidade, negando-se inclusive a abrir suas portas e janelas, pois o bloco era constituído pelas “meninas de Dona”¹⁸, como eram conhecidas estas prostitutas. O Sr. M. F. C. afirmou que estas mulheres eram discriminadas quando desfilavam no carnaval, como fica evidente em seu depoimento:

As ‘mulheres da vida’ saíam no bloco de Dona, saíam tipo assim de casamento. Homens e mulheres que se vestia como se fossem casar. Muitos dos cidadãos amargosenses fechavam as portas de suas casas quando o bloco do casamento passava, eram discriminadas¹⁹.

Curiosamente, o “Grupo das Almas” era organizado pela mesma senhora Dona, porém, apesar de instituírem medo, o desfile destas “Almas” não apresentava a mesma rejeição que o bloco do Casamento. Era o anonimato que tornava possível o trânsito destas “Marias” com crucifixos e terços e a proibição social do olhar as “Evas”, quando muitas daquelas, mais tarde e trajadas de homens, desfilavam no Bloco do Casamento. Muitas das integrantes deste bloco poderiam ser meretrizes no cabaré²⁰ de Dona, senhora responsável por organizar o Grupo das “Almas” e que segundo a Sr^a. L. F., era “Uma mulé... era alegre, era uma coroa alegre, só se tu vê, gente boa, morreu ligeiro, gostava muito de Dona.”²¹ No anonimato de suas práticas, o Grupo das “Almas” instituiu o seu espaço de trânsito. Enquanto um Grupo de rua, formado totalmente por mulheres, subvertia o silêncio do sono dos cidadãos corajosos que se postavam à rua para vê as “Almas” e os “Cão”.

O processo de diabolização da mulher ocorre neste contexto e paralelo ao projeto político desencadeado pela Igreja Católica de santificação de Maria, a mãe do filho de Deus. Jean Delumeau (1989) mostra que a mulher foi então identificada como um perigoso agente de Satã. A atitude masculina ocidental em relação ao “segundo

¹⁸Supressão do nome original da verdadeira proprietária de um Cabaré, localizado à Rua dos Artistas em Amargosa, por preservação da memória de terceiros envolvidos. Utilizarei o pseudônimo “Dona” quando estiver me referindo à senhora que organizava, segundo os depoentes, os blocos das Almas e do Casamento, além de ser uma das organizadoras do “Baile da Gordura”.

¹⁹Sr. M. F. C., 54 anos, 2007.

²⁰Expressão popular que designa casa de prazeres sexuais, prostíbulo.

²¹Sra. L. F., 75 anos, 2007.

sexo” sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade. Estava na lógica das coisas que uma época que tanto temeu o Juízo Final, o diabo e seus sequazes, desse uma nova dimensão ao medo milenar do “segundo sexo”. A cultura da época, inquieta e ainda mal firmada, busca reforçar o controle desse ser, a mulher, demasiadamente próximo de uma natureza da qual Satã é o “príncipe e o deus”. Para a maioria dos homens da Renascença, a mulher era no mínimo suspeita e no mais das vezes perigosa. A construção destes imaginários sobre a mulher, associadas às culturas cristãs, contribuiu em alguma medida para a representação de pretensão domínio dos “Cão” de Amargosa sobre as “Almas”. Igualmente, os sujeitos se apropriavam deste imaginário e mesmo dos meios de disseminação destes, para instituir, afirmar, ou construir outras leituras.

A origem da cidade de Amargosa é acentuadamente cristã católica. Em uma cidade onde, até a década de 1960, os sermões eram pregados em latim, não é de admirar-se que todos os outros recursos de evangelização fossem utilizados e reproduzidos pelas ruas amargosenses, nos períodos das festas religiosas oficiais. Assim, as fontes dizem sobre peças teatrais que eram organizadas pelo Frei João em prol da construção da Igreja da Catedral e pelas irmãs Sacramentinas que organizavam peças a serem apresentadas no Cine Pérola (REZENDE, *et. alia.* Orgs. 1991). As representações religiosas eram bastante comuns. Os Ternos de Reis em janeiro, a Queima de Judas no Sábado de Aleluia, a encenação da crucificação de Cristo, a Fogueira do São João em anúncio ao nascimento do santo, e mesmo as procissões dos santos católicos, apresentavam características que podem servir de exemplo daquilo que Martha Abreu denominou de Teatralização da Religião (ABREU, 1999). Deste modo, os “Cão”, seguindo a normativa cristã católica, apresentavam-se pelas ruas durante o carnaval.

Os “Cão” perseguiram todos da cidade direcionando-lhes ameaças. Porém, os Grupos das “Almas” e dos “Cão” não subsistiam propositalmente, a relação existente entre ambos estabeleceu-se de forma espontânea e os seus espaços eram, inicialmente, distintos. Os “Cão” taticamente faziam parte, mesmo sem o total consentimento das Almas, da encenação das mesmas:

Nós ia até aculá. Chegava lá ajoelhava todo mundo, entendeu?
Uhuhuhuh!! Ajoelhava da porta entendeu, mas aquilo é...

demonstração né, de morto, a gente fazia aquele movimento como era mermo como um grupo de alma, era mermo e ficava na porta do sumitério e a gente ficava esperando na hora que eles fazia aquele movimento, mas como tá rezano entendeu, uhhuhuh!! um bulia um com o outro, um bulia um com o outro, que quando saía, saía aquele grupo tudo correndo (...) Os “Cão” também saía aqui, e cuma até hoje ainda saí, mas não saí como era naquele tempo e os “Cão” acompanhava também as alma, pra querer jogar o laço, pra querer pegar, entendeu, mas só tinha a intenção, mas não laçava pra não sujar as vestimenta, entendeu. Eles fazia aqueles movimento.²²

Nota-se que este bloco era perseguido por alguns “Cão”, sendo estes os únicos homens a participarem indiretamente da encenação – indiretamente, por eles não fazerem parte da organização inicial do Grupo das “Almas”. A narrativa do Sr. S. A., contribuiu para a compreensão dos aspectos da encenação do Grupo das “Almas” para o entendimento de um contexto mais amplo que é o da morte. Neste sentido, o depoente menciona “demonstração né, de morto” estabelecendo algum tipo de relação entre o desfile carnavalesco do Grupo das Almas perseguido pelos “Cão” e as práticas comuns que constituem o enterro dos entes. Ambas se aproximam no caminhar, no rezar e no trajeto percorrido até a porta do cemitério. Logo, quando o depoente narra a sua brincadeira carnavalesca também revela aspectos que permeiam os ritos de morte na cidade de Amargosa.

Arrebanhar “Almas”, então, se tornou o ofício dos “Cão”. E estes, após as interações evidenciadas na narrativa com o Grupo das “Almas”, passaram a introduzir no percurso tradicional dos “Cão” pessoas trajadas de almas, mas que ficavam sob o seu domínio. Estas “Almas” já iniciavam o desfile laçadas.

Nós comprava um saco, um metro de bramante ou dois metros, bramante branco. Vestia a cabeça com a máscara e vestia, pra baixo aqui, cobria tudo e laçava no meio. A gente ia carregando a alma com a mochila de dinheiro pra ir pegando na mão do povo e ela laçada no meio. O povo... Ela abria o braço, elas com os braço aberto, a alma. Ela ia quieta, só falava na hora de junto do povo pra poder dá o dinheiro.(...) Nós sempre levava a alma lá [cemitério] que era pra dizer que tava presa (...) que nós tava prendendo a alma lá, tá entendendo? Era um tipo de brincadeira de diversão que a gente fazia, ai a gente parou eu deixei de sair.²³

²²Sr. S. A. 75 anos, 2007. [Grifo meu]

²³Sr. S. F., 53 anos, 2006.

Era um teatro tão evangelizador quanto as outras peças produzidas pela Igreja Católica na cidade. A ênfase dada pelo depoente ao ato de prender a alma dentro do cemitério remete a ideia da inevitabilidade da morte. Todavia, lembra aos cidadãos a necessidade de preservação de valores cristãos como uma condição primeira de superação senão da morte, do inferno. As encenações dos “Cão” eram bem elaboradas e apesar de não se ter o conhecimento de quando realmente elas começaram, sabe-se que trata de uma prática com mais de meio século. Prática esta que se manteve ao preservar elementos importantes, costumes, tradições como o fato de um mesmo homem ter que sair e não poder ultrapassar os sete anos de desfile, caso contrário quando morresse “ia virar bicho, ia virar o Cão mermo”. Como a narrativa demonstra:

Eu via os pessoal mais velho sair e achei bonito né, ai eu frequentei, sair, mas os mais velho disse que só podia sair até sete ano, de sete ano em diante ai em encerrei a carreira não quis sair mais.(...) Disse que a gente ia virar bicho, ia virar o “cão” mermo, ai nós ficano com medo, nós encerremo a carreira.(...).²⁴

Os próprios “Cão” comungavam do medo do diabo e da incerteza após morte. Deste modo, é possível encontrar nas narrativas a recorrência dos termos “brincadeiras” e “diversão” associada à prática do “Cão” pelos sujeitos que se trajavam. Assim, respeitavam a tradição de desfilar durante sete, quatorze ou vinte e um anos. Outros depoentes também se referiram ao costume de desfilar durante os sete anos. O Sr. S. R. J. mencionou o término de sua obrigação com o desfile dos “Cão”: “Eu completei a idade, eu completei sete anos porque não podia largar de sair sete anos. Tem que ser sete anos e de sete anos não pode passar.”²⁵ Estes depoimentos apontam para alguns elementos comuns às diversas gerações de “Cão”, a tradição dos sete anos é um destes.

No entanto, a prática dos “Cão” não permaneceu estática, alguns elementos foram modificados com o passar do tempo, como a introdução da sacola do dinheiro no percurso dos “Cão” com o argumento de arrecadar dinheiro para posteriormente comprar querosene para a limpeza da pele. Mas a prática modificou-se durante as gerações que sucederam. Prática e representação se complementaram e se modificaram mutuamente e fixaram-se no imaginário dos cidadãos, de tal modo que foi possível ouvir de um dos “Cão” o seguinte relato:

²⁴Sr. S. A., 58 anos, 2006.

²⁵Sr. R. J., 44 anos, 2007.

Não, não, não é medo, eu cansei de chegar, escute, escute direitinho, eu cansei de chegar oh, todo melado de óleo com o rabo atrás e com a cuia com dois chifre na cabeça e chegava na porta da cliente assim: Inhá, Ahá! E ela ia pegar o dinheiro do altar do santo pra me dar, pra botar na sacola, *panhava o dinheiro do altar do santo pra me dar*, pra botar na sacola. [risos].²⁶

Nas circunstâncias da narrativa só havia um jeito para livrar-se dos “Cão”, pagar não pela salvação, mas suborná-lo para não ser condenado. No “Livro dos Cão”²⁷ estariam supostamente os nomes dos cidadãos, das almas errantes, que seriam levadas para o inferno. O livro com os nomes das pessoas nunca existiu concretamente, mas no trajeto dos “Cão” estes pegavam um livro qualquer que afirmam ser o livro onde estariam relacionados os nomes dos que iriam ser levados ao inferno.

O imaginário que dava sustentação a este ritual de encenação dos “Cão” demonstra as relações de poder existentes na disputa pela salvação das “Almas” e igualmente a proximidade entre o Carnaval e o calendário Cristão. O carnaval, apesar de apresentar outras temporalidades, comunga com este último. Período posterior aos excessos profanos do carnaval, a Quaresma revelava-se enquanto um elemento temporal de purgo das almas pecadoras.

A gente tinha uma alma né, aí a gente comprava o pano branco, fazia a mortalha, marrava com o laço, e a gente ficava... os outros com o ferrão sabe, pra futucar ela, pra ela ir arranjar o dinheiro, ver que a gente era o “Cão” que tava pegano a arma, aí *ela tinha que se virar pra arranjar dinheiro ali pra nós*. É, depois aí já fica mais difícil, aí a gente demo pra sair sem arma sem nada, porque a alma complica muito, tem que sair devagar, aí depois nós viu que o negócio tava ficano mais pouco dinheiro, aí nós deu pra circular Amargosa toda. Aí saía mais dinheiro, e com as alma não, a gente só podia tá ali porque ela tava amarrada não podia sortar. Ela gritava, chorava, e nós tamo castigando ela ali. *Aí o povo ficava com pena*, dava o dinheiro a gente. (...) *o diabo gosta das alma né, aí a gente castigava ela* (...) ia por tudo que era lugar, menina, ia na delegacia, ia na porta do sumitério, no lugar onde tivesse gente, a gente ia bagunçar...²⁸

²⁶Sr. S. R. J., 44 anos, 2007. [Grifo meu].

²⁷Alguns “Cão” levavam consigo um livro abaixo do braço onde supostamente estavam relacionados os nomes daqueles que iriam para o Inferno.

²⁸Sr. S. O. E., 63 anos, 2007.

Com o objetivo de livrar-se do “fogo do inferno” e do “laço do Cão” é a personagem da alma que pede clemência à população para remissão dos seus pecados. Este universo representativo associa-se, claro que com suas ressignificações, às indulgências do universo cristão. De um modo meio que avesso, pois nesta prática para que a “Alma” seja salva, o dinheiro deve ser dado aos “Cão” e não à Igreja, como normalmente acontecia, no caso das indulgências. O “Cão” é aquele que ameaça com o ferrão e é a alma que grita, que chora, ela é a castigada e a responsável por arrecadar o dinheiro para que então o “Cão” possa livrá-la dos castigos. O resultado dessas reapropriações de valores eminentemente cristãos é uma subversão de conceitos: as “Almas” não pagavam pela salvação, pagavam para não serem condenadas.

Os “Cão” foram personagens muito frequentes nos carnavais de rua até a década de 1980. A prática, reinventada a todo o momento, permanece timidamente nos carnavais de rua amargosense. Todos aqueles que saíam e os que ainda saem de “Cão” assim afirmaram fazer, pois, ou viam os outros saindo e gostavam da brincadeira²⁹; ou porque os mais velhos morriam; ou então algum dos “Cão” completava os sete anos determinados pela tradição oral como período para que abandonassem a prática. Desta forma, outras gerações de “Cão” prosseguiram com a espontaneidade das brincadeiras e “diabruras” carnavalescas. A prática ao remeter-se ao inferno e seus algozes consequentemente levava as pessoas de Amargosa e aos próprios sujeitos que saíam de “Cão” refletirem e modificarem suas representações sobre a morte.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Nova Fronteira, São Paulo, Fapesp, 1999.

BAROJA, Julio Caro. *Le Carnaval*. Paris, Gallimard, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Companhia das Letras, 1989.

²⁹Sr. N. M. D. E., 52 anos, 2006.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro, 2006.

NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no imaginário cristão*. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Coleção História.

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. *Dialogismo ou Polifonia?* Departamento de Ciências Sociais e Letras. Universidade de Taubaté. Versão PDF.

REZENDE, Gildeflá Costa. et alia. (Orgs.) *Revista Amargosa Centenária*. Bahia, 1991.